

CAMUS LEITOR DE KIERKEGAARD: O CONCEITO DE EXISTÊNCIA COM CONSTANTE REFERÊNCIA A KIERKEGAARD

Gabriel Ferreira da Silva

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Resumo: Desde as leituras que formaram seu pensamento até a sua última declaração pública, o filósofo franco-argelino e prêmio Nobel de literatura Albert Camus não deixou de expressar uma relação estreita com o pensamento do filósofo dinamarquês S. A. Kierkegaard. Desse modo, buscamos explicitar alguns elementos desta conexão que deverão contribuir não apenas para a melhor compreensão da relação mesma, mas para o próprio entendimento do pensamento camusiano que se inicia e se desenvolve a partir de uma concepção patética do problema existencial, legatária de Kierkegaard.

Palavras-chave: Kierkegaard, Camus, Existência, Paixão.

Na última entrevista que concedeu, 15 dias antes de sua morte trágica em 4 de janeiro de 1960, ao ser perguntado sobre sua posição quanto aos pressupostos do existencialismo, Camus (1913-1960) respondeu:

Se as premissas do existencialismo se encontram, como eu o creio, em Pascal, Nietzsche, Kierkegaard ou Chestov, então eu estou de acordo com elas. Se as conclusões são aquelas de nossos existencialistas, eu não estou de acordo, pois elas são contraditórias¹.

A citação desta resposta pode ser muito mais elucidativa do que parece à primeira vista. Ela aponta não apenas para uma espécie de relação de filiação do pensamento de Camus, mas também para a visão do filósofo argelino sobre certo panorama filosófico; e, sobretudo, acerca do que nos interessa aqui de modo especial: a relação de Camus com o pensamento de Kierkegaard (1813-1855; como se pode notar, exatos 100 anos separam os nascimentos destes dois grandes vultos da filosofia contemporânea). Desse modo, nos propomos aqui a apontar algumas conexões entre Camus e Kierkegaard em dois momentos, a

¹ CAMUS, Albert, "Dernière interview d'Albert Camus (20 décembre 1959) IN: CAMUS, Albert, *Essais*, Paris: Gallimard, 1965 (Col. Bibliothèque de la Pléiade), p. 1926-1927.

saber, (1) a recepção da obra e do pensamento de Kierkegaard por Camus e (2) como o conceito fundamental de *Páthos/Passion*, presente na obra de Camus, é legatário do conceito de *Páthos/Lidenskab* do filósofo dinamarquês. Não é nosso intento, obviamente, esgotar a pletora de conexões possíveis entre os dois pensadores, mas apenas lançar algumas bases que julgamos fundamentais para a tarefa de aproximar estes dois grandes filósofos, tão pouco e tão mal lidos.

CAMUS LEITOR DE KIERKEGAARD

A resposta à questão sobre as premissas do existencialismo desvelam, de início, a existência de um acordo, uma convergência reconhecida pelo próprio Camus entre aquilo que ele próprio pensa e aquilo que julga ser o pensamento de Kierkegaard. Assim, a relação entre Camus e Kierkegaard não é artificial ou forçada, mas direta e de suma importância para a compreensão do pensamento do autor de *O mito de Sísifo* (1942) e *O homem revoltado* (1951).

De antemão é também importante frisar que o próprio Camus afirma a disparidade existente entre Kierkegaard e o existencialismo tal como ele se constitui na França da primeira metade do século XX, a despeito do que dizem alguns de nossos manuais e histórias da filosofia. Ao contrário do que inicialmente se poderia imaginar, o apodo de “pai do existencialismo” insistentemente justaposto ao nome de Kierkegaard é aqui desconstruído. Camus reconhece em Kierkegaard uma comunhão de objeto, um mesmo problema que perpassa também suas próprias reflexões mas que, contudo, não encontram ressonância no pensamento daqueles ditos “existencialistas”, dos quais Camus, por diversas vezes, se excluiu peremptoriamente. Para Camus, há uma descontinuidade entre a colocação dos problemas e o seu desenvolvimento por parte de seus contemporâneos, traçando desde aí um tipo de recepção do pensamento de Kierkegaard que, se não se dá por uma análise minuciosa da obra, ao menos parece ser das mais sensíveis, atentas e fieis ao espírito de sua letra.

A identificação e a construção mesma do problema fundamental do pensamento camusiano, a saber, a leitura da própria condição humana como problema, devido a uma dinâmica de inadequação e assimetria entre o que há de mais íntimo no homem e a impossibilidade de sua efetivação – gênese do conceito de Absurdo que explicitaremos mais adiante – são, em grande parte, devedoras de suas leituras do pensador dinamarquês. Muito embora o universo helenístico tenha sido desde cedo seu horizonte, a partir das leituras e estudos sobre o epicurismo,

o estoicismo e o neoplatonismo – este último, tema de seu trabalho de conclusão do curso de Filosofia na Faculdade de Letras de Argel -, as questões existenciais de fundo, sempre presentes em seus ensaios estritamente filosóficos, são claramente provindas de Pascal, Jaspers e Kierkegaard.

Nos comentários à edição crítica da obra de Camus, na coleção *Bibliothèque de la Pléiade*, Louis Faucon, ao apresentar as leituras realizadas pelo pensador argelino nos anos que precederam a redação de *O mito de Sísifo*, pedra angular de seu pensamento, nos diz que, até o início da Segunda Guerra Mundial, Camus certamente já havia lido ao menos as *Migalhas filosóficas* e *A doença para a morte*, cuja tradução francesa de 1932 trazia em sua introdução um estudo precioso, repleto de citações dos diários de Kierkegaard. Contudo a constante referência a Kierkegaard não se deixa entrever apenas de maneira velada, somente como influência distante. Pode-se medir sua massiva presença pelo número de ocorrências de seu nome: “Kierkegaard” aparece 30 vezes em *O mito de Sísifo*, só ocorrendo menos que o de Kafka, a quem Camus dedica um estudo que é anexo ao livro. Apenas a título de comparação, Dostoiévski, cuja presença é constante no ideário camusiano, aparece somente 19 vezes.

Mas no que se refere à postura de Camus enquanto leitor de Kierkegaard há um aspecto ainda mais instigante: Kierkegaard impõe-se tanto como solo a partir do qual Camus erige seus problemas filosóficos, quanto como ícone de uma postura filosófica que, segundo este, oscila entre ser paradigmática e reprovável. Grande parte daquelas citações do nome de Kierkegaard ocorre em uma seção de *O mito de Sísifo* intitulada “O suicídio filosófico”. A questão principal desta seção é evidenciar que, frente ao Absurdo da condição humana, algumas soluções e posturas filosóficas se constituíam mais como uma fuga, uma elisão ou mesmo uma contradição. Para compreendermos a leitura de Camus sobre o pensamento de Kierkegaard, é fundamental compreender o lugar de tal capítulo no conjunto do livro. O capítulo se instala no interior do desenvolvimento do principal problema de Camus: o homem se reconhece como um ente cuja existência não oferece espaço – semântico e temporal – para sua completa efetivação. O homem porta em si um desejo de imortalidade, bem como de razoabilidade do mundo e de sua própria condição, que não encontra um contraponto real senão em sua negação. Há assim uma “fratura” ou um “divórcio”, nas palavras de Camus, entre o homem e sua própria condição; é tal incongruência ou desmedida, exibida na própria etimologia do termo, que o pensador denomina Absurdo. O Absurdo é, por assim dizer, um *synolon*, como que um composto proveniente da simultaneidade de algo que em si que o homem não pode negar sob o preço de alijar-se do que é propriamente humano, e sua condição existencial finita e

contingente. Tais reflexões são o desenvolvimento da pergunta que abre o livro, numa das passagens mais agudas da filosofia do século XX:

Só existe um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena de ser vivida é responder a questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias vem em seguida².

A questão pelo suicídio apresenta-se então, no decorrer da análise existencial camusiana, como corolário possível da constatação da absurdidade da existência. Como tal, Camus a refuta como uma fuga e uma contradição já que se elimina aquilo que, desde o início, se queria manter; não se trata de uma resposta ou solução, mas da eliminação de um dos termos do problema. Mas para além do suicídio físico, de fato, o autor reconhece uma forma diversa de suicídio, a saber, aquela que chama de “suicídio filosófico”. Por suicídio filosófico, Camus compreende um movimento argumentativo no qual o pensamento se furta a si mesmo e tenta ultrapassar seus limites através de sua negação. É neste ponto que o juízo de Camus acerca do pensamento de Kierkegaard, para além das patentes influências, se deixa ver.

Para Camus, Kierkegaard se insere no grupo de posições existenciais que terminam por tentar solucionar ou responder o caráter de absurdidade da existência seja através de um expediente racional que implique, aos seus olhos, em uma fuga ou uma contradição. Ao lado de Kierkegaard, Camus perfila também Heidegger, Chestov, Jaspers e Husserl. O ponto nevrálgico da crítica endereçada ao filósofo dinamarquês é o que poderíamos chamar de uma inversão: Kierkegaard predica a absurdidade, a ruptura e, sobretudo, o paradoxo da razão ao Cristianismo, reconfigurando aquilo que constituía a crise, como condição de possibilidade para sua superação agora pela categoria da Fé. Assim, a seu ver, os atributos do problema trocam de sinal e passam a ser não mais o flagelo do homem que não se reconhece em sua existência, mas a condição de possibilidade do encontro com o Cristo-Solução. Desse modo, Camus vê o famigerado “salto” kierkegaardiano como uma reconciliação para com os atributos do Absurdo.

Cumprir notar novamente que, embora crítica, a compreensão de Camus acerca da descontinuidade necessária na relação entre a compreensão racional da condição humana e a paixão da fé é bastante acertada. O que talvez Kierkegaard

² CAMUS, Albert, *Le mythe de Sisyphe* IN: CAMUS, Albert, *Essais*, Paris: Gallimard, 1965 (Col. Bibliothèque de la Pléiade), p. 99.

gostaria que Camus compreendesse, no entanto, é que a radicalização de tal descontinuidade leva a um panorama mais acurado da própria condição existencial humana enquanto apartado da possibilidade de construção de uma identidade entre ser e pensar por estar, de fato, na não-verdade. Assim, o que Camus parece enxergar como uma solução falaciosa de Kierkegaard é, na verdade, aprofundamento do problema. Não obstante isso, o rearranjo do problema, que conforme mostra Kierkegaard nas *Migalhas* e no *Post-scriptum* deve se dar para além da insuficiência da razão no que diz respeito à beatitude eterna, é notado por Camus, embora como passível de crítica.

Entretanto, se por um lado Camus integra a posição de Kierkegaard naquilo que denomina suicídio filosófico, ele não deixa de reconhecer no filósofo dinamarquês a singularidade arrebatadora de seu pensamento. Para Camus, “de todos [dentre os filósofos citados], talvez o mais atraente seja Kierkegaard, ao menos por uma parte de sua existência, faz mais do que descobrir o absurdo, ele o vive”. Não se trata somente de um elogio gratuito, mas do reconhecimento de uma característica fundamental da filosofia de Kierkegaard que irá impregnar a reflexão de Camus: o *páthos* existencial.

O PÁTHOS EXISTENCIAL

Se o que apresentamos até aqui já justifica o juízo de que a relação entre o pensamento de Kierkegaard e o de Camus seja algo bem mais além do que fortuita, conceitualmente a filiação do pensamento de Camus ao de Kierkegaard é ainda mais evidente. Embora os conceitos não se recubram completamente – e por vezes sejam completamente divergentes –, a primazia dada à noção de “existência”, bem como a presença de termos como “absurdo”, “angústia” e “paradoxo” exibem a envergadura da ingerência e da importância de Kierkegaard no pensamento camusiano. Podemos até mesmo dizer que mesmo a deliberada estratégia camusiana de expressar seu pensamento através de distintas formas – o ensaio, o teatro e o romance – em recusa de uma abordagem sistematizante seja inspirada, não só na crítica kierkegaardiana do Sistema existencial – ou seja, pela impossibilidade da redução da atualidade e da concretude existencial ao plano do conceito universalizante e potencial –, mas receba certo impulso nos procedimentos pseudonímicos e na comunicação indireta de Kierkegaard. Infelizmente não nos é possível aqui rastrear completamente a miríade de referências e conexões entre estes dois pensadores tão singulares. Apenas como exemplo de outros pontos de tangência que aqui negligenciamos, é interessante

lembrar a predileção de Camus pela figura de Don Juan, hipóstase de uma das posturas filosóficas e existenciais que o autor analisa em *O mito de Sísifo*, devida à leitura de Molière mas também, como ele explicita textualmente, devedora da figura do sedutor kierkegaardiano. Todavia, pensamos que a maior contribuição de Kierkegaard para o pensamento de Camus se evidencie pela presença de um certo clima – ou afinação, como talvez preferiria Kierkegaard –, de certo modo de tratar a existência, caracterizado sobretudo pela importância capital da noção de *Passion* (Paixão) em sua obra.

A posição de Kierkegaard frente ao problema existencial é, antes de tudo, como é expressa em seu *Post-scriptum às Migalhas filosóficas* (1846), a de que “existir, se não se entende por isso um simulacro de existência, não se pode fazer sem paixão.” Tal condição não se dá como um axioma assumido *a priori*, mas porque o que está em jogo é a existência concreta de um sujeito para quem o problema do sentido e do rumo de sua existência não é apenas de ordem intelectual, mas algo com o qual ele deve se comprometer. Assim, é fácil ver que a resposta ao problema existencial, assumido e introjetado nestes termos, não pode ser encontrada no simples plano da abstração desinteressada, como que aos moldes de um jogo de salão. Tal forma de encarar a questão, reconhecida e louvada por Camus já na própria pessoa de Kierkegaard como apontamos acima, vai condicionar também sua investigação; para Camus, o problema existencial deve ter precedência sobre os demais “fora de todos os métodos de pensamento e dos jogos do espírito desinteressado”; não é por outro motivo que o autor caracteriza *O mito de Sísifo* como “mais exatamente um ensaio de definição apaixonado (*passionné*)”. O que ocorre é que, se a condição humana finita e contingente é opaca e refratária às investidas do homem, é porque este é, fundamentalmente, “paixão de viver” e de compreender racionalmente ou necessariamente. O tratamento patético – perpassado pelo *páthos* – da existência se impõe a partir da própria constatação de sua problematicidade. Assim, o que está em jogo não é apenas a resolução de um problema epistemológico que poderia ocorrer no interior do intelecto, sem maior comprometimento ético do sujeito que o pensa mas, como nos diz Kierkegaard, um problema e uma solução pelos quais o sujeito é infinitamente interessado. Só há problema porque o homem é um ente infinitamente desejante e interessado em relação a si próprio; eis, para os dois filósofos, o *páthos* é a marca distintiva do humano. Se por um lado, para Kierkegaard a constatação profunda e verdadeira do estado de não-verdade e de ruptura eleva a paixão à última potência, a da fé, e para Camus a tomada de consciência do Absurdo leva à Revolta contra nossa condição, que nada mais é do que um *éthos* erigido a partir da salvaguarda da paixão humana, é certo que a

despeito das incongruências ambos estão desenvolvendo suas reflexões na tensão de pensar a existência estando e permanecendo no seio dela.

Ao fim e ao cabo, é imperativo que consideremos a recepção camusiana de Kierkegaard com mais atenção. Se a leitura de Kierkegaard empreendida por Camus tem suas falhas aqui e ali – e haverá algum filósofo interprete de outro que não as cometa? – ela ao menos escapa de dois dos erros mais comuns, como pretendemos mostrar: a relação sempre superficial de paternidade de Kierkegaard para com o Existencialismo francês e a acusação que enxerga na primazia do existente e na constatação dos limites da razão, subjetivismo e irracionalismo. E, acima de tudo, se Camus pode filosofar pateticamente é só a partir do reconhecimento positivo da honestidade para com a concretude do problema existencial que talvez seja uma das maiores contribuições de Kierkegaard para a Filosofia.